

SALADA CASCUADA

POR: Fabio da Silva Barbosa

Os ingredientes

Depois de ter lançado livros de contos, poemas, artigos, entrevistas... e outras coisas que receberam outros rótulos, comecei a selecionar alguns materiais que estavam faz tempo abandonados em pastas de arquivos antigos. Parei na de 2012 por terem escritos que nem lembrava mais e que ainda tinham muito a ver com o hoje. Comecei a selecionar alguns. Daí, pensei no tipo de trabalho que iria expor dessa vez. Nesse meio tempo fiz contato com a Gente de Palavra e soube do projeto Palavra na Rua. Sempre gostei e busquei me envolver nesse tipo de iniciativa. Ofereci meu trabalho e a Gente foi receptiva a ideia. Voltando a seleção do material, pensei em ousar uma coisa diferente. Como o experimentalismo sempre foi minha praia, resolvi não me prender a rótulos, divisões... esse tipo de coisas... Misturei tudo. Pronto. Mas não foi uma mistura qualquer. Foi uma mistura que visou manter o paladar de cada escrito. Uma sequência de sabores amargos, ácidos.... Sabores da vida. Sabores de questionamentos mil, de registros, passagens e viagens. Mistura de ingredientes que formam essa salada cascuda que venho a lhes servir.

Cuidado com a indigestão ;-)

A salada

A primeira vez que ouvi o termo Salada Cascuda foi quando o velho amigo Vitor Durão me emprestou uma fitinha com vários sons gravados. Eram aquelas fitinhas gravadas em casa, uma coletânea que ele fez e onde se podiam encontrar pérolas do hard core, do punk rock, do metal... do underground como um todo. Esse nome sempre vinha a tona quando fazíamos algum tipo de mistura que nos soava bem. Nesse novo projeto, o título veio bem a calhar.

Ofereço então esse novo trabalho a todo(a)s os amigo(a)s e parceiro(a)s que encontrei por essa louca estrada da vida.

Reunião de família

Estávamos todos em volta da mesa. Alguns nem viram o enterro, pois já estavam ali desde cedo. Tio Nico parecia um camarão. A cada gole da cachaça, ficava mais vermelho. Pediram mais uma porção de cu de galinha à milanesa e outra garrafa de cana.

- Ele ia gostá de tá aqui com a gente. – Lamentou Caveirinha.

Rosita abriu o berreiro com grande escândalo e Tia Carmela interveio:

-Só fala bobagem, heim Caveirinha. Não fica assim, minha filha. Ele deve estar num lugar melhor que a gente.

Tio Nico já estava no estágio do filósofo e falou enquanto coçava a barba:

- Aquela ninhada parece que nasceu amaldiçoada. A menina sumiu no mundo com o açougueiro e dizem que já virou mulher da vida e tudo. O mais velho enlouqueceu... Agora Tiquinho se enforca.

Tio Nico estava certo. Aquilo parecia mesmo maldição. Roberval e Manú eram primos, casaram contra a vontade da família, tiveram três filhos e, ao contrário do que todo mundo dizia, nenhuma criança nasceu com problema físico. Na verdade, teve a segunda que morreu pouco depois de nascer. Eram quatro irmãos.

- Desculpem o atraso. - Era a tal menina que tinha sumido no mundo. O pessoal demorou um pouco para reconhecer, mas ela se apresentou logo depois de acender o cigarro. – Sou a irmã do morto. Que cambada, heim? Nem lembram da filha dos primos. Pede o copo aí que tô precisando de um trago.

Tio Nico me olhou com aquela cara de “Eu não falei?”. Ele era do tempo em que menina não mostrava as canelas. O mundo devia ser assustador para alguém que não percebeu as mudanças acontecendo. Ele parecia ter adormecido durante décadas e de repente se deparado com tudo assim.

Rosita estava quase sob controle, mas suas mãos ainda tremiam enquanto apertava o lenço de pano contra o nariz e assoava com força. Mastigando mais um cu de galinha à milanesa, Seu Bartolomeu começou a falar sobre a tentativa de trazer o irmão do morto para o enterro.

- Mentira! – Cortou a irmã recém chegada.- O desgraçado está abandonado naquele chiqueiro há anos. Ninguém aparece. Vocês não querem ter de ficar com ele em casa.

Daí começou um falatório enlouquecido. Rosita voltou a chorar compulsivamente enquanto os demais iam perdendo o controle durante a discussão sobre a responsabilidade dos parentes com o irmão do morto. Enchi meu copo de cana e peguei mais um cu no prato. Taquei bastante sal no bichinho e comecei a lembrar da última reunião de família que tivemos. Foi exatamente quando os pais do morto anunciaram o casamento. Tudo terminou em uma grande pancadaria. Depois deste dia, nunca mais houve uma grande reunião.

Viveram felizes durante os primeiros anos, mas, com a vinda dos filhos, as dívidas começaram a crescer e, como as coisas sempre podem piorar, Roberval acabou por ficar desempregado e os biscates demoravam a aparecer. Manú começou a se embriagar diariamente e Roberval, que sempre gostou de tomar uma, enveredou pelo mesmo caminho. Nesse meio tempo, o filho mais velho apresentou sérios distúrbios mentais. Quebrava a casa toda e até esfaqueou um vizinho que ele acreditava estar possuído pelo demônio.

Um belo dia, Roberval saiu para procurar emprego e não voltou mais. Manú se afogou de vez na cachaça e seu corpo acabou por não resistir. Nessa época, as crianças já estavam grandes e foram morar na casa de parentes. Ah, sim... Teve a que morreu no meio disso tudo, o que deu mais força as críticas dos parentes.

- Afinal, quem te avisou do enterro e como você nos encontrou aqui?

- Notícia ruim chega rápido.

A gritaria tirou-me do mundo das lembranças. Tomei mais gole da cana e voltei a mergulhar no passado. Voltei bem para o dia em que Tiquinho havia conseguido emprego de zelador em um prédio e foi morar no morro das redondezas. Pouco tempo antes, sua irmã já tinha dado no pé com o açougueiro. Passado mais alguns anos, o irmão, que já tinha esfaqueado o vizinho, matou Seu Bonaparte. Seu Bonaparte morava no fim da rua e veio reclamar: “O maluco matou meu cachorro!”. Nunca tivemos certeza se tinha sido ele que matou o cachorro, mas, com certeza, foi ele que matou Seu Bonaparte. Toda a vizinhança assistiu ao massacre sem conseguir parar as pauladas. Como ele já tinha histórico de violência e tentativa de homicídio (o caso da facada), o juiz mandou guardarem o infeliz no manicômio judiciário.

Tiquinho conseguiu se manter no emprego e virou freguês do puteiro que ficava no centro da cidade. Lá conheceu Teodora, por quem se apaixonou. O problema foi que Tiquinho começou a contar mais vantagem do que tinha no bolso e Teodora começou a apertar ele. Por fim, percebeu que não tinha mais de onde tirar dinheiro e Teodora não queria saber de homem pobre. Foi nessa que o último filho dos primos, com quem eu ainda tinha contato, se enforcou.

Parece que a menina, antes de fugir com o açougueiro, estava reclamando do comportamento de Tio Nico. Dizem que ele estava se aproveitando da coitada. Vai saber. Essa família adora um disse-que-não-disse. Uma coisa era certa: O Açougueiro tinha o dobro da idade dela e Tio Nico ficou cheio de raiva. Dizia que aquilo era imoralidade e que isso não podia ser. Nesse momento, um barulho alto me trouxe novamente para a mesa do bar. Todos estavam gritando em pé e a irmã do morto vinha com tudo, empunhando uma garrafa quebrada na direção de Tio Nico. O tumulto foi geral, mesas caíram no chão e alguns tentaram tomar a garrafa da mão dela. Levantei reparando que uma forte chuva havia começado a cair lá fora. Aconcheguei-me num canto e fiquei apreciando o pandemônio. Acho que vai demorar até termos outra reunião de família.

Para o Malandro Vagabundo / Feito com Carinho

hoje eu canto para o belo malandro
que não aceita os grilhões desta prisão
que sai por aí sem hora marcada
sem se preocupar com a caminhada

hoje saúdo todas as pessoas
que vivem sem prumo, rumo ou broas
vagabundo iluminado iluminando a visão
não tem registro, raiz ou manual de instrução

tantos julgam, falam ou explicam
poucos percebem, entendem e abraçam
quantos acusam, acusaram ou acusarão
alguns observam a lua, tocam viola e questionam a convenção

mas o bom vagabundo
malandro iluminado
estará sempre a bailar
pela terra, pelo mar e pelo ar

pela terra
 pelo mar
 e pelo ar

A fila

Tava com uma crise de tendinite. Depois de algum tempo de espera e dor na fila de um hospital público, tomei um analgésico injetável e mandaram que eu comprasse os terríveis anti-inflamatórios. Para buscar o acompanhamento adequado me encaminharam a lugares longínquos e decidi passar no posto de saúde perto de casa. Era ali. Boa decisão a minha. A moça do balcão disse que eu tinha de ir ao clínico geral para ele me encaminhar a um especialista. Como só existia um dia na semana que o clínico comparecia, a fila era enorme. E olha que cheguei cedo. Falaram que tinha gente em pé ali desde a madrugada. O mesmo fenômeno observado em outros cantos do Brasil: O péssimo atendimento no serviço público. Que absurdo.

Aproveitei o tempo na fila para lembrar e pensar. Lembrei de quando estava caminhando com meu filho junto a passeata contra o aumento da passagem de ônibus. A gente ali, conversando sobre as coisas da vida, enquanto os manifestantes pediam por um transporte realmente público. No dia seguinte, pensei nas pessoas que vendem suas vidas para poder passear com o filho na beira da praia. Melhor que qualquer praia foi aquele passeio pela manifestação.

Lembrei também do bate papo na mesa de um bar em que um cara me alvejava com suas opiniões enlouquecidas. Ele se dizia socialista, mas nem ao menos compreendia o povo. Não acreditou quando disse que muitas pessoas estavam trabalhando mais de nove horas por dia para ganhar R\$ 700,00 ou um pouco mais (ou um pouco menos), sem direito a sábado, domingo ou feriado. Ele argumentou que isso não existe. Que R\$1.000,00 não dava nem para suas despesas... “Como um pai de família poderia sustentar os seus?” Respondi que esse era o problema.

Pensei também no texto PQP. Depois da experiência no campo, pude conhecer pessoas que trabalham mais de 14 horas por dia, sem folga e sem qualquer tipo de motivação para a vida sem ser o próprio trabalho. Será que eles estão certos? Será que eu estou certo? Será que estamos todos errados? Será que existe o certo e o errado? Vai saber. Talvez eles não tenham tido opção. Vai saber. Cada um com sua história, cumprindo sua sentença. Vou tentando compreender.

Nisso, veio uma senhora que eu achava estar lá na frente da fila. Mais um que havia desistido. As pessoas adoram quando alguém que está a sua frente desiste. Ela passou resmungando que a fila tava grande e que só tinha uma pessoa para atender todo mundo. Ela estava preocupada com o horário de entrar no trabalho. Passei mais um tempo na fila e resolvi fazer o pessoal da retaguarda mais feliz. Saí caminhando. Segui a fila até onde pensei ser seu início (onde estava a tal senhora) e descobri que ali era apenas uma curva. A fila ainda continuava até uma portinha, onde estava a tal funcionária preenchendo a papelada e encaminhando as pessoas para a fila seguinte (Essa sim a do atendimento médico).

Fui pela rua movimentando as mãos e torcendo para que elas aguentem firme mais um tempo. Aquilo era fila para o dia inteiro e não podia ficar ali.

Cerveja com amendoim

Estava aborrecido com aquele livro chatíssimo que tratava sobre algum tipo de verdade. Nem lembro bem porque estava perdendo tempo com mais aquele intelectualzinho arrogante. Era do tipo que sabe todas as respostas e o jeito certo de fazer qualquer tipo de coisa. Deve ser doutor ou qualquer outra merda do gênero. Pedi mais uma cerveja e um pacote de amendoins. Coloquei a cerveja no copo e despejei alguns amendoins dentro. Era sempre um bailado interessante. Alguns subiam, outros desciam e tinham aqueles que subiam e desciam. Apreciei um pouco a coreografia antes de voltar a leitura.

Alguns parágrafos e anotações depois, percebi uma movimentação estranha no boteco. Ergui os olhos e me deparei com um carro da polícia estacionado no meio fio. Carlinhos, o cara que escreve jogo de bicho na mesinha dos fundos, estava sendo preso. Pelo que entendi, uma tal delegada estava na cidade e os canas tinham de levar uma certa quantidade de gente presa. Carlinhos não criou maiores problemas. Daqui a pouco estaria de volta. Aproveitei a pausa e olhei como estavam meus amendoins. Dei um gole cuidadoso para não engolir nenhum. O segredo era só comer no final. Tinha de ficar na conserva. Ali o amendoim temperava a bebida, enquanto a bebida temperava o amendoim. Depositei o copo na mesa e procurei o parágrafo onde tinha parado.

- Que porra é essa aí, rapaz? Ô engraçadinho... É com você mesmo que estou falando.

O polícia tava falando comigo. O que seria dessa vez? Será que ainda faltava um para ser preso? Do que me acusariam? De estar lendo aquela merda na mesa, do lado de fora do bar? Ler merda em via pública agora é crime? Também, o que poderia esperar? Um sujeito que joga o tempo de vida fora com uma bosta daquelas merecia mesmo uns tapas.

- ...

- Levanta! Levanta! Encosta na parede!

- Mas...

- Encosta aí, caralho!!!

Depois da geral, com a maior ignorância possível, me virou de frente e começou a gritar na minha cara. Pior que ficar olhando aquela caricatura bizarra durante os berros, só mesmo os pingos de saliva voando na minha direção. Tentei usar da educação e explicar que as palavras não estavam saindo de forma legível de sua boca.

- Não estou entendendo... Qual é o problema?

- O problema... Seu filho da puta... Tá pensando que sou idiota?

Parece que tinha lido meu pensamento. Foi exatamente isso que pensei. Mesmo tentando imaginar algum fundo de lógica na situação, pude confirmar minhas suspeitas no momento em que ele pegou meu copo de cerveja de forma raivosa e ralhou.

- O que é isso aqui? Me diz... Que porra é essa? Virou bagunça? – Ou foi algo mais ou menos assim que saía daquela boca arreganhada.

- Desculpe, mas não sabia que a cerveja havia sido proibida.

Não resisti. A situação em si pedia um deboche. Aquele havia sido o sinal, o é agora. Quando vi, já tinha falado. Mas o troco veio de imediato. Uma bofetada descomunal me atirou contra a mesa. Arrastei o que tinha pela frente em minha queda. Esqueci que essa rapaziada não costuma ter bom humor.

- Levanta, porra.

- Calma... Que isso...?

- É exatamente o que eu quero saber. O que é isso? – O desgraçado quase enfiava o copo na minha cara.

- Cerveja, porra. É um copo com cerveja.

- Tô falando dessas bolinhas dentro do copo.
- Ahhhh... Isso... – Suspirei entre o aliviado e o incrédulo – Isso é amendoim.
- Amendoim... – Soco no estômago. – Tá me achando com cara de trouxa mesmo, né?
- Mas é amendoim... Olha... Ainda tem mais no saquinho... Deve ter caído pelo chão quando derrubei a mesa.
- Aí... – Berrou para a viatura. – Manda o cara que escreve o jogo se espremer. Vai entrar mais um.
- Tá viajando no amendoim, né?

A voz do rastafári alemão dono do botequim me trouxe de volta para aquela mesa. Os amendoins ainda bailavam no copo diante dos meus olhos. Ouvi os primeiros acordes de Redemption Song e só aí percebi que meu amigo rasta estava sentado ao meu lado com o violão. Até chegar o próximo freguês, iria rolar um som. Dei um gole na cervia e deposei o copo sobre a mesa. Empurrei o livro para um canto. Não ia mais me desgastar com isso.

CracolândiaDisneylândia

fuma garoto a pedra
sonha sonhos de menino

a garota do mais tempo no vício
não pode mais sonhar

amigo palavra distante
talvez só mesmo o cachimbo

a toda hora chega gente
a toda hora gente vai

para onde estamos indo
para onde a gente vai

A mídia comunitária na luta pela verdadeira democracia na comunicação

Em todo o Brasil podemos observar o crescimento da mídia comunitária. Um segmento que visa dar voz a grupos de pessoas que normalmente não tem espaço para se expressar de forma livre, com autonomia, valorizando seu modo de falar e pensar. São veículos que possuem os mais diversos formatos: jornais, revistas, zines, rádios, tvs, sites... Todos os meios disponíveis são usados. Mas um grande bloqueio ao crescimento destes meios de comunicação é a falta de apoio e incentivo. As políticas que deveriam auxiliar o desenvolvimento dos veículos comunitários ainda deixam muito a desejar.

Podemos destacar as rádios comunitárias como as que mais sofrem pela falta de compreensão do poder público. Além de não receberem o incentivo necessário, ainda são perseguidas e rotuladas como rádios piratas. Um filme que trata do assunto é o “Uma onda no ar”, que relata a história da Rádio Favela, de BH, Minas Gerais. No ano passado assistimos também a mais um conflito do Rapper Fiell com a polícia, desta vez por causa da rádio comunitária que mantém no Morro Santa Marta, Rio de Janeiro. São inúmeros casos a serem relatados.

No Rio de Janeiro

Já faz alguns anos que venho acompanhando e participando da mídia comunitária no Rio de Janeiro. Posso afirmar então, por experiência própria, que a situação no estado não é diferente do resto do país. Embora muitos projetos e veículos surjam e continuem dando impulso a estes meios de comunicação, as dificuldades são inúmeras e o descaso do poder público é marcante. O interesse político dos que estão no poder (não só os políticos partidários, mas os empresários que financiam suas campanhas também) sobressaem a necessidade de uma imprensa realmente comunitária, alternativa e independente. Mas o pessoal não desiste e continua tocando suas ideias. Em muitas favelas cariocas podem se encontrar veículos de comunicação comunitários autênticos. Pessoas que, além da batalha pelo pão de cada dia, ainda encontram energia para suportar uma luta desigual e injusta pelo direito a voz.

Cleber Araújo apresenta o Barraco

Entre as entrevistas que fiz com lideranças comunitárias, movimentos e agentes sociais, antes de me mudar para Porto Alegre (no início deste ano), selecionei essa que fiz com o jornalista e cria da Rocinha, Cleber Araújo. Nela, podemos conhecer um pouco dos obstáculos enfrentados por esses verdadeiros guerreiros da comunicação.

Para começar, apresente o Barraco.

Barraco@dentro é um espaço virtual destinado, principalmente, aos moradores de comunidades, mas também está aberto a todos os que se interessam por assuntos comunitários. A finalidade do site é oferecer aos moradores de comunidades um outro olhar sobre a sua realidade - diferente das mídias convencionais - usando uma lente jornalística que não seja preconceituosa, nem superficial.

De onde surgiu essa ideia?

A ideia da construção do site já é um pouco antiga. Desde os tempos da faculdade, ficava imaginado um meio de comunicação diferente dos tradicionais. O fato de ser morador da favela da Rocinha também influenciou na decisão de querer criar um espaço para comunicação desse gênero - um espaço não só noticioso, mas de reflexão e valorização cultural e social. Mas a principal inspiração desse projeto só conheci durante a produção do meu trabalho de conclusão de curso, quando fiz um

documentário sobre a TV Tagarela, da Rocinha. Uma galera que faz a diferença. Dentro de suas produções, procuram levar aos moradores um pouco de reflexão sobre o cotidiano da favela, desenvolvendo a conscientização sócio-política.

Qual o maior benefício que um veículo como esse pode trazer para as comunidades carentes?

Espero que, ao adentrar nas comunidades, o Barraco esteja ajudando a valorizar uma cultura que é excluída, a desenvolver a conscientização social e política e, acima de tudo, enfatizar os verdadeiros valores das pessoas dessas regiões que não são reconhecidos pela classe média alta, nem por sua mídia representante.

Você já trabalhava com blogs. Como eles vão ficar? O Pauta Grande continua ou para? O blog Pauta Grande teve e tem duas funções na minha vida, apesar de não ser atualizado com frequência. Primeiro: Foi uma forma de manter-me ligado ao meu sonho de exercer o jornalismo cidadão. Já que o mercado jornalístico está difícil de emprego, principalmente para pessoas que queiram trabalhar por um mundo melhor, tive de criar meu próprio espaço para expor minhas reflexões e críticas. A segunda função do blog: Funcionar como válvula de escape, uma fuga do estresse cotidiano através dos meus pensamentos e palavras escritas. Quanto a continuar alimentando o blog, isso ainda é incerto. Primeiro vou ter que organizar meu tempo e me empenhar bravamente para o obter o sucesso esperado com o Barraco@dentro.

Fale sobre seu curta.

Bom, o curta "TV Comunitária de Rua: Uma Boa Alternativa" foi produzido no ano de 2008 para conclusão do meu curso de jornalismo. Na verdade, é um documentário feito com a TV Tagarela, que tem como finalidade mostrar a importância desses tipos de iniciativas dentro de uma comunidade e também revelar como funciona e as dificuldades para se fazer TV comunitária. O legal é que acabei realizando um tipo de produção escassa no meio acadêmico.

Voltando para o site: Como a galera faz para participar?

Minha intenção é criar uma rede com os blogueiros e com os sites que já atuam no meio comunitário. Não pretendo publicar somente o que é produzido pelo barraco, mas disponibilizar espaço para outras pessoas e instituições que partilham do mesmo ideal.

O que estou propondo não é nada novo. Isso é uma prática comum entre os blogueiros e os sites de esquerda que funcionam com muito sucesso. De um lado aumenta o conteúdo e do outro aumenta a visibilidade. Vamos sempre estar receptivos à artigos, matérias, entrevistas, fotos, vídeos e também críticas pelo e-mail: contato@barracoacentro.com ou cleberaraujo@barracoacentro.com.

Uma mensagem para fechar bonito:

Só vamos viver numa pátria mais justa e mais fraterna quando o povo tiver a consciência de que a vida política não se vive apenas de quatro em quatro anos nas urnas, mas que é um dever e direito cotidiano de todos.

Barraco@dentro: <http://barracoacentro.com/>

TV comunitária de rua: uma boa alternativa:

<http://www.videolog.tv/video.php?id=642118>

A Macarronada

Ele fez aquela macarronada perfeita. Vários tipos de macarrão. As tigelas com os molhos foram colocadas na mesa logo assim que entrei. Elogiei seus dotes culinários e sua sofisticação ao servir. Retribuiu com aquele olhar estranho e lembrou ter aprendido a cozinhar muito jovem. Ele não podia perder a oportunidade de estragar tudo. O que podia pensar? Que minha atitude fosse mudar devido a sua grosseria? Achei melhor ignorar e passar para alguma amenidade. Ao repetir o prato, resolvi experimentar outro tipo de macarrão com outro molho. Ele endoidou. “Não... Aí já é demais! Esse molho não é para esse macarrão! Não sabe, deixa que eu sirvo. Vai continuar colocando? Não precisa encher o prato dessa maneira. Come um pouquinho e depois prova de outro tipo. Ai, meu Deus do céu. Por mim tanto faz, sabe? Já tô de saco cheio. Faz o que quiser, do jeito que quiser.” O que ele nunca aprendeu é que a gente pode deixar a mesa pronta e escolher o que vai ter, mas nunca podemos prever como os convidados misturarão os pratos.

Já era

mais um fim do mundo está chegando
e você com seu dedo na minha cara
esperando que implore perdão
esperando que erga as mãos

é aí que o dia seguinte chega
e já estou envolvido na merda
a lavagem cerebral foi feita
já não lembro mais como era

agora não tenho mais coragem de sair
minha mente / meu corpo
já era
ESPERA

ainda existe um sopro
a vida parece agir / reagir
será que vou
conseguir

A.O.O.

Já nascemos sendo registrados, moldados, cobrados. Muitos são atirados a tv, este bizarro aparelho que nos deforma a cada instante, antes mesmo de aprendermos a falar. Aprendem a ser egoístas. É a porta de entrada para o macabro mundo da competição, do consumo. Te empurram uma religião, uma visão, um padrão. Mentem o tempo todo. É o mundo da ilusão, onde nada é confiável. A hipocrisia, o jogo de aparências. Tudo é nada.

Aí vem a escola, o colégio, mais uma prisão. Em um sistema de ensino autoritário, os submissos são aceitos com louvor. É uma preparação para o sistema de trabalho. Mais imposições, mais regras, mais submissão. Entre uma coisa e outra ainda tem o serviço militar. E temos de votar, temos de degradar, temos de sangrar. O medo é implantado até a medula. Você está cheio de sentimentos que não são seus. O desespero e a cegueira aumentam, a vida escoando entre seus dedos.

As pessoas estão sem forças, dopadas pelos bombardeios de alienação. Distração gratuita que se paga caro. Aí vem a depressão, tristeza, angústia. Ninguém consegue explicar o porquê. E tome remédio, consulta, má alimentação, atividades improdutivas. Todos aprisionados às suas posses. Ser possuído pelo que se possui. E cada vez possuir mais para ser mais possuído. Tem de se andar na linha, se não eles determinam uma punição. Ser apenas uma engrenagem é o destino. Quem grita apanha, é preso, é segregado. Presos todos estão.

Há os guerreiros, mas há os que se agarrem a qualquer bengala que apareça, outras correntes. Os ateus religiosos que produzem seus próprios símbolos e deuses a serem seguidos, adorados sob o discurso iconoclasta dos que acreditam ser outra coisa, mas acabam sendo a mesma, ou algo muito parecido. Não tenho nada contra os ateus. Foi apenas um exemplo. Poderia citar também os revolucionários e gurus de ocasião. Estou tratando dos falsos profetas, tão perigosos quanto os que estão hoje no poder. Ficam só no fingimento. Só se fazendo de perfeitos. Mas a perfeição não é própria do ser humano. A perfeição, o normal... Quem determina esses padrões?

Existem muitas formas de ilusão. Procuram se apegar a uma delas pra fugir da realidade e não se deparar com a inutilidade de suas verdades mentirosas. Às vezes fica difícil se livrar de tantas correntes. Às mudanças vêm com as dúvidas, não com a disputa de verdades, não com a pregação de uma catequese qualquer. A mudança é constante no interior do ser reflexivo, no interior dos que se negam a fazer parte desse esquema sórdido. Como integrantes do mundo, conseguimos mudá-lo sempre que mudamos a nós mesmos. Nossa mudança interior altera nossa relação com o exterior e nossas escolhas. Nossas atitudes são contribuições que damos. Não se deixe enganar. Abra os olhos e observe.

A transação

- Olha aqui, meu irmão. A parada que você pediu tá aí. Agora me dá o dinheiro que não tenho o dia inteiro. – Esse é o Margarina. Um cara muito ferrado na vida. Não servia nem para roubar carteira de velhinho em saída de banco.

- Certo. – Esse sorridente é o cara para quem ele tinha ido entregar algo dentro da mala do carro roubado que acabava de apresentar. Drogas, armas... Vai saber. O cara abriu a mala, deu uma boa olhada e continuou com o mesmo sorriso satisfeito.

- Tá vendo. Tá tudo aí. Pera... Que isso? – Margarina tremeu ao ver o cara puxar a arma.

- Olha aqui, seu pedaço de merda... Seu patrão anda de saco cheio de você. Pensamos em te usar como boi de piranha. Afinal, há muito tempo a polícia não mostra serviço. O problema é que na primeira porrada a operação seria toda comprometida. Conhecemos bem esse tipo de cuzão que você é. Então, como tinha uma dívida para saudar com ele, achei que essa era a hora. Combinamos que você faria essa última entrega e eu te jogaria no lixo.

Outro sujeito, conhecido como Chaveirinho, se aproximou. Amarrou as mãos de Margarina e colocou um pano sobre sua cabeça. Quando ele começou a puxar Margarina, o cara sorridente disparou dois tiros. Se aproximou e pressionou os furos feitos pelas balas em ambos os joelhos.

- Isso é para não tentar nenhuma gracinha pelo caminho.

Margarina se esticava todo, sentindo uma dor insuportável. Chaveirinho o arrastou até um outro carro que estava estacionado há alguns passos, jogando o corpo na mala. Aproximadamente duas horas depois, a mala se abriu. Margarina foi tirado de forma brusca e encostado no carro. Sentiu os olhos doerem com a luz do Sol ao ser retirado o pano de uma só vez. Ainda sem conseguir ver direito, foi virado com força e sentiu uma lâmina entre suas mãos. A corda foi cortada.

- Calma, porra. Aquele sacana destruiu meu joelho.

O corpo girou novamente e os olhos mais acostumados à claridade reconheceram o rosto de Chaveirinho.

- Já passei no banco e conferi. Você colocou o dinheiro direitinho. Cumpri minha parte, agora é com você.

- Vai me largar aqui? O cara que devia estar me esperando com a moto não chegou e mesmo se chegar não iremos longe com esses joelhos assim. Isso não tava no esquema.

- Fiz mais que costume fazer. Cumpri o trato. Agora, bye bye baby. – Se despediu dando dois tapinhas no rosto de Margarina e caminhou para a porta do motorista.

Margarina se apoiou no carro e perguntou que horas eram. O carro partiu, fazendo seu corpo despencar sobre o acostamento.

- Merda.

Margarina se arrastou até o mato que cobria a beira da estrada e ficou esperando o cara da moto chegar. Mas o cara não chegou. Quando estava quase anoitecendo, um carro parou. Alguém desceu. Era Chaveirinho. Seguindo os rastros de sangue, foi até o matagal onde estava escondido. Margarina levantou a cabeça com dificuldade, pois já tinha perdido muito sangue e a dor só piorava. Teve o intuito de sorrir, mas pensou duas vezes e viu que aquilo não podia ser boa coisa. Chaveirinho sacou a arma em sua direção.

- Pensei melhor. Vai que amanhã ou depois você dá mole e alguém te vê por aí. Todo mundo sabe que dar mole é com você mesmo.

Margarina arregalou os olhos em um último ato de desespero. O estouro da arma se fez ouvir.

Mais um que nunca deu sorte.

Falando sobre Branco Oliveira

Já dizia o velho ditado: “Maluco atrai maluco”. Desde minha chegada a Porto Alegre, tenho conhecido seus loucos maravilhosos e suas delícias delirantes. O primeiro que encontrei e com quem logo fortaleci uma grande amizade foi Branco Oliveira. Entre uma cerveja e um trago fui conhecendo cada vez mais a caminhada deste ser, cuja história musical começou nos tempos de infância. Nascido na cidade de Tapera – RS - Branco, ainda criança, acompanhava seu pai (que era acordeonista) pelos bailes do interior tocando pandeiro. Mais tarde mudou para Porto Alegre, de onde teve de sair aos 18 anos para se afastar das perseguições que passava durante a ditadura. Rodou por aí e foi parar em Juazeiro, na Bahia, onde sofreu grande influência dos ritmos locais. Voltando a Porto Alegre, no início dos anos 80, continuou sua trajetória musical tocando pela noite da cidade e das redondezas. Nos anos 90 foi mestre de bateria do bloco carnavalesco Unissax, que recebeu diversas premiações locais, e ficou a frente de um programa de rádio. Seus shows então já eram conhecidos do pessoal que curte um som diferenciado e começou a se expandir por outros estados brasileiros e países vizinhos. Em 94 gravou o clássico Reggae do Bom Fim na coletânea Hits 94. Mais tarde lançou o cd Praia do Rosa. Por essa época, seu som, repleto de um estilo próprio, já era referência na música alternativa. Atualmente ele está preparando seu novo cd. Enquanto nasce essa verdadeira pérola, sugiro que curtam o trabalho desse mano no youtube, onde podemos encontrar as músicas Reggae do Bom fim, Não me pira, Soltaram a Maria, além do novo vídeo (Alto na Cidade Baixa) com vários nomes da música local.

Mentiras

Disseram pra estudar!
Disseram pra trabalhar!
Disseram pra casar!
Disseram que isso é se realizar!

Disseram pra mentir!
Disseram pra fingir!
Disseram pra fugir!
Disseram que um dia eu iria conseguir!

Disseram tanta merda!
Disseram tanta porra!
Disseram tanta zorra!
Disseram “É assim mesmo” “Vá e morra”!

Tesão

Ele chegou cedo à casa da namorada. Enquanto os pais da amada acabavam de se arrumar no andar de cima e ela limpava a bunda depois de uma cagada daquelas que lambrecam todo o entorno, se acomodou no sofá. O jantar ainda demoraria um pouco.

Passados alguns minutos, Tritão, o cachorro da família (um vira-lata imenso), entrou vagarosamente pela sala cheirando o ar como quem não queria nada. Veio até sua perna e cheirou. Distraído, pensando em como faria o pedido de noivado, fez um cafuné na cabeçorra da criatura.

Em um salto repentino, Tritão agarrou sua perna e, com movimentos repetidos, começou a esfregar a cabeça pontiaguda de seu órgão reprodutor. Chocado, o cavalheiro tentou tirar o mamute de cima da sua perna. Tritão resistia bravamente, mas com doçura.

Não havia jeito. Mal conseguia afastar o cão e ele já voltava ofegante. Os anfitriões desceram e se espantaram com a estranha conduta do animal. Tentaram de tudo, mas era impossível afastar o cachorro de sua paixão. Por fim, o caso virou graça e o rapaz foi embora sem pedir a mão de sua amada. Tritão o acompanhou até o quintal, onde, depois de muita luta, conseguiram afastá-lo da lambuzada perna.

Ao ouvir o bater do portão, o cachorro correu para as grades e ficou apreciando aquela perna se afastar. Passando por sua irmã gêmea, sumiu apressadamente pela rua. O que restou foi um animal triste, sentado no portão. Iria permanecer assim até a próxima visita.

No chão

deitado na sarjeta
sentia o vômito na garganta
pareciam gorgulhos epiléticos
chicoteando meu espírito

a úlcera se contorcia
num bailar de merda e sangue
pareciam agulhas e facas
moendo minha carne

o cheiro da podridão
já invadia minhas narinas
não podia mais reagir
a minha própria chacina

mesmo assim queria
mais uma dose assassina
sentir os neurônios falecendo
não continuar existindo ou sendo

Matando os pobres

Infelizmente a música Kill the poor (Matar os pobres), da banda californiana Dead Kennedys, cabe perfeitamente no atual momento brasileiro. Não que isso seja inédito em nosso país. O próprio “descobrimento” (invasão seria o termo mais apropriado) do Brasil foi uma história de extermínio físico e cultural. Eliminar os indesejados sempre foi prática corriqueira em sistemas covardes como o nosso. O que assusta é a máquina assassina cada vez mais se especializando no extermínio sem culpa. As justificativas mais bizarras são usadas. Os processos de exclusão jogam para longe os que sobrevivem. Exemplo disso são as remoções forçadas que estão acontecendo pelo Brasil. No Rio de Janeiro, os grandes eventos e a especulação imobiliária fizeram esse processo ganhar um volume monstruoso. As “pacificações” foram o anúncio de que o pior ainda estava por vir. Em São Paulo, os incêndios estão dando um toque piromaniaco à expulsão e ao extermínio dos pobres. Falando em São Paulo, não podemos esquecer da brutalidade ocorrida em Pinheirinho. Na Bahia, o Quilombo Rio dos Macacos está sendo expulso de suas terras pela Marinha. Milhares de pobres são entulhados nos presídios, favelas e lixões, da maneira mais insalubre possível. O serviço público é executado da pior maneira. Seriam inúmeros casos relatados e mesmo assim esqueceríamos algum, devido ao grande número de massacres físicos, psicológicos e culturais a que a grande massa está sujeita desde o seu nascimento. Toda forma de opressão é usada. Por quantas chacinas ainda passaremos? Você já ouviu falar de alguma execução em bairro de bacana? Difícil acontecer, né? Os canos estão apontados para os pobres. Mesmo sendo necessários para lavar, passar, cozinhar... fazer as coisas funcionarem, o número de pobres não pode afetar a segurança dos patrões. E de preferência que morem bem longe para não incomodar o universo artificial criado para os poucos que acumulam privilégios. E a classe média, morrendo de medo da pobreza e babando pela posição dos ricos, apoia toda a crueldade, esperando por mais algumas migalhas do banquete.

Pessoas

Aceitando mentiras impostas
se calou
Recusando seu direito a fala
se enterrou
Cavando sua sepultura
se enganou
Tapando a luz do Sol
rastejou
Vivendo de joelhos
nunca levantou
Por toda a existência
lamentou

Recusando mentiras impostas
se rebelou
Usando seu direito a fala
gritou
Erguendo-se pelo conhecimento
voou
Sendo seu próprio Sol
brilhou
Vivendo de pé
lutou
Por toda a existência
festejou

Aceitando tudo como está
se acomodou
Usando seu direito a fala
bostejou
Vivendo sob a alienação
não buscou
Estagnado sob o Sol
estacionou
Acreditando estar sobre os demais
se enganou
De toda sua existência
nada ficou

...

Preconceito Linguístico

Preconceito Linguístico é um livro de Marcos Bagno que consegue combater não só os mitos, como todo o processo que constrói e fortalece tal preconceito. Uma relação entre este e o preconceito social também é estabelecida e comprovada. Tudo escrito de forma agradável e sem o engorduramento típico dos ditos especialistas. As informações fluem com a naturalidade que a verdadeira língua possui. Uma obra que vale a pena ser lida e se possível guardada para futuras consultas.

Argumentos sólidos desconstruem a intolerância da ditadura gramatical. A língua é tratada como criação do povo e não como camisa de força, desagradável e totalmente alienígena. O autor ainda oferece alternativas para o combate a esse engessamento gramatical e sugere métodos para os professores que quiserem participar dessa batalha pela devolução da língua aos seus verdadeiros donos.

Fica aí uma boa sugestão de leitura para os que curtem novos desafios. Mas se você é daqueles que se orgulham de falar uma língua difícil e que foge a compreensão dos que deveriam ter intimidade com ela, leia assim mesmo. Talvez você saia com outra visão das coisas.

*Após ler meu texto “Língua rica ou confusa?”, uma guerreira me emprestou o livro “Preconceito Linguístico”, de Marcos Bagno. Ela realmente não se enganou ao me dizer que eu precisava ler aquilo. Foi muito importante o contato com tal obra.

Twitteando

Abrir sua mente é um ato revolucionário que só depende de você. Parar de se apegar tanto às respostas e se untar de perguntas é um começo.

Desligue a tv, esqueça todas as verdades pré fabricadas (TODAS) e saia de casa para conhecer o mundo. Mas saia sem medo, sem preconceito.

Não se trata de convencer ou ensinar. Se trata de olhar em volta e pensar livremente, sem estar com olhos turvos, cheios da poluição imposta

Está mais que na hora das pessoas abandonarem suas frágeis certezas e mergulharem de cabeça no mundo da reflexão e do questionamento.

O belo é o que você acha belo, o bom é o que te faz bem e o respeito mutuo é a base pra tudo.

Criar um padrão é virar as costas para a diversidade humana.

Se libertar não só do material, mas também das velhas convicções é indispensável para criarmos algo novo.

Dizer eu sei é se fechar para o novo

Se reconstruir a cada dia e chegar a novas conclusões (ou a nenhuma) é a disposição correta para aprender.

Tire suas verdades do caminho, pois eu quero passar com minhas dúvidas.

O mais importante é termos perguntas, não respostas

Tanta gente acredita que conhece a verdade e que tem todas as respostas. Só por aí podemos ver que o caminho tomado não é o da libertação.

Pior que os conservadores que ficam justificando o apego a velhas correntes, são os que se julgam libertos, mas conservam suas prisões

Placebo

Siga verdades
e repita o que dizem,
mas nunca escute a sua própria razão.

O revolucionário que sonha burguês.
Seu estilo de vida é o mesmo que o deles.
Mais um otário querendo se dar bem.

Compre a nova necessidade.
Mesmo não precisando,
você não pode viver sem.

Aquele suco 100% natural
possui frutas com agrotóxicos que te fazem mal.
Siga toda propaganda e verá quanta gente te engana.

Sobre Raymundo Araújo Filho

No dia 23 de setembro de 2012, muito cretino deve ter comemorado a morte dessa verdadeira pedra no sapato dos hipócritas. O cara botava a boca no trombone e não media palavras. Não tava aí para ser guru de porra nenhuma. Não queria ser seguidor ou seguido. Tava além desse tipo de babaquice. O lance dele era confrontar a estrutura corrompida e medíocre que nos cerca. Seu texto, muito adjetivado e criticado por aqueles que não conseguem entender o que foge a forma determinada, era a exposição, clara e sem frescuras, de sua grande insatisfação com a situação atual das coisas, além de sublinhar seu desapego a regras e pompas inúteis. De minha parte, quando Eduardo Marinho me avisou sobre o acontecido, ficou um sentimento muito ruim. O sujeito, desagradável para muitos, era alguém muito querido, por quem eu sentia carinho e amizade.

Não lembro bem como me aproximei do Raymundo. Talvez tenha sido na ocasião da morte de um amigo em comum (o professor João Batista – o JB). Mas o caso é que tivemos alguns contatos via internet e o vínculo foi crescendo. Sempre que marcávamos algum encontro, nos desencontrávamos. Quando eu chegava a algum lugar ele tinha saído e assim foi também o contrário. Uma vez, ele chegou a ir ao meu trabalho, mas eu não estava. Pegou o telefone do trampo e ligou algumas vezes, mas nunca me achava - era difícil me encontrar lá ☺.

Passado o tempo, chegou a ocasião esperada. Nos encontramos na reunião dos desabrigados das chuvas que aconteceram em Niterói (RJ), no ano de 2010. Depois disso seguiram mais alguns encontros e a amizade se solidificou. Gostaria de contar cada conversa, plano e molecagem que tivemos nesse período, mas são coisas que prefiro comentar em uma mesa de bar. Talvez por isso tenha demorado para escrever algo sobre essa grande perda. Raymundo não cabe num texto e nenhuma das histórias que pude viver com ele ficaram tão boas escritas como quando estou verbalizando. O verbo é tão vivo quanto este veterinário, músico e ativista (poderia acrescentar outras coisas aqui). Raymundo é rock, é vômito, é uma descarga de energia transformadora. Ele foi proibido de citar o Prefeito de Niterói em seus textos e discursos. Raymundo não nasceu para ficar preso ao papel ou a formalidades. Ele nasceu para gritar, berrar e deixar o eco de sua voz nos ouvidos de quem conseguiu ter o privilégio de conhecer tal figura.